

“Debate intenso”

Agência Senado



Eleito suplente do PSDB-SC, Dalirio Beber assumiu a cadeira no Senado federal no dia 19 de maio e o legado deixado por Luiz Henrique da Silveira: manter permanente

relação com o governo do Estado e os municípios. Por isso, trata seu próprio mandato como de continuidade.

[PeloEstado] - Como avalia o ano de 2015 no Senado federal?

Dalirio Beber - Foi um ano muito difícil, o debate intenso se estabeleceu entre a oposição e o governo, até como consequência do processo eleitoral vivido durante 2014, quando quem se reelegeu difundiu a imagem de que o país estava bem, que não teria nenhuma dificuldade, e no segundo turno, ninguém mais sustentou que nós vivíamos uma economia sob controle, com as contas públicas sob equilíbrio. Muito ao contrário, dali emergiram vários projetos de lei, que foram encaminhados ao Congresso Nacional, com o intuito de fazer com que houvesse o ajuste fiscal e aí o debate se estabeleceu. Como um país que estava “tão bem”, de repente precisa de medidas tão duras, tirando o direito dos trabalhadores e aumentando a carga tributária?

[PE] - E o seu mandato?

Beber - Não gostaria de estar aqui na condição que cheguei, ocupando um espaço que foi muito bem ocupado pelo senador Luiz Henrique da Silveira. Isso tem que ser sempre dito. Tenho procurado interagir com todo o estado de Santa Catarina, me colocado à disposição do governo e dos municípios, para fazer com que essa continuidade do mandato, conquistado em 2010 pelo Luiz Henrique, de fato, possa ser produtiva. O positivo do meu mandato é a possibilidade efetiva de fazer com que o nosso estado seja representado nos assuntos que digam respeito ao desenvolvimento e progresso de Santa Catarina e do Brasil.

[PE] - Que assuntos devem dominar em 2016?

Beber - Lamentavelmente, ainda continuam os aspectos da crise econômica e da crise moral. As instituições devem ser preservadas, e se, existiram e existem políticos que não fazem por merecer a posição que têm, eles devem ser afastados através da eleição ou reeleição. A democracia ainda é o maior meio de fazer com que a vontade do povo seja executada. O presidencialismo é isso, eu gostaria de ver o Congresso debatendo com muito mais entusiasmo e dedicação a possibilidade de fazer com que o Brasil adotasse o sistema do presidencialismo com o parlamentarismo, ou seja, uma república presidencialista parlamentar. Se isso acontecesse, talvez pudéssemos promover essas mudanças, não de quatro em quatro anos, mas sim a cada período que o Congresso ou o parlamento não fosse capaz de apresentar soluções para a sociedade e o povo que representam.

[PE] - Qual a sua avaliação sobre o cenário político estadual e nacional?

Beber - Vejo que esse quadro de dificuldades do país, em função da crise econômica e de credibilidade, compromete a gestão eficiente da coisa pública. Hoje os números são muito aquém do que deveriam ser para dar uma atenção razoável aos municípios, por exemplo, que tiveram queda drástica na sua arrecadação e repasses federais. O pacto federativo é urgente, e mais difícil que ele, está o resgate da credibilidade dos gestores públicos perante à sociedade.

“Agenda mínima”

Divulgação Fecomércio



Em seu ano de estreia no Senado Federal, o senador Dário Berger (PMDB) enfrentou um cenário que, admite, não esperava. Para corrigir os rumos do país ele propõe

um pacto nacional entre poderes e partidos e a elaboração de um programa mínimo de governo.

[PeloEstado] - Como avalia o ano de 2015 no Senado federal?

Dário Berger - Foi um ano que começou muito mal e terminou pior ainda. Na verdade, 2015 começou com a eleição de 2014, quando se vendeu uma coisa e na prática era outra bem diferente. Isso levou o Brasil a uma grande crise. Vivemos um clima de incerteza e desesperança. O descontrole foi tanto que o governo gastou mais do que arrecadou e mandou a conta disso para a sociedade pagar. No início do ano fomos convocados a votar um tal de ajuste fiscal que, segundo as promessas, levaria à retomada do crescimento e a volta à normalidade. Mas vimos justamente o contrário disso. Acredito que a crise política tem contribuído para a formação desse cenário de pessimismo que estamos vivendo. E deve ser uma crise prolongada na área econômica com reflexos na área social.

[PE] - E o seu mandato?

Berger - Como senador de primeiro mandato, sinceramente não esperava encontrar o cenário que encontrei. Espero que essa crise possa passar o mais rapidamente possível para que o país volte a crescer. Utilizei a tribuna do Senado para trazer um alerta para o governo quanto aos indicadores econômicos, se agravam a cada dia, e para pedir uma atitude para estancar esse processo.

[PE] - Que assuntos devem dominar em 2016?

Berger - Sempre fui e continuo sendo abordado pelo povo de Santa Catarina, empresários, trabalhadores, professores, profissionais liberais, que se apresentam angustiados e querem detalhes da situação econômica do Brasil. Na ocasião em que utilizei a tribuna para fazer o alerta ao governo destaquei justamente que não era a crise propriamente dita que me preocupava, mas a inércia diante da crise. Defendi e defendo que só um pacto nacional, onde possam sentar à mesma mesa oposição e situação para a construção de um programa mínimo de governo, fazer o ajuste que precisa ser feito. A integração de poderes e de partidos políticos, pensando muito mais no Brasil, talvez seja o preço menor que a sociedade terá que pagar.

[PE] - Qual a sua avaliação sobre o cenário político estadual e nacional?

Berger - Se essa integração, que não aconteceu até agora, não acontecer também em 2016, a tendência é que a crise se agrave, ainda mais com o peso de questões como o impeachment, a operação lava-jato e a dificuldade de ritos processuais na Câmara, cujo presidente também sofre com falta de credibilidade. Isso leva a crer que já de início 2016 será de muita tensão e muita turbulência. Mas vamos dar tempo ao tempo. Não estamos em um Estado de exceção. Vivemos em uma democracia.

“Ano conturbado”

Agência Senado



O senador tucano Paulo Bauer foi um dos mais aguerridos na crítica ao governo da presidente Dilma Rousseff e também forte defensor do impeachment. Para

ele, a fragilidade do governo diante de uma conjunção de crises vai tornar o ano de 2016 um pouco mais difícil.

[PeloEstado] - Como avalia o ano de 2015 no Senado federal?

Paulo Bauer - Vivemos um ano conturbado porque as questões de ordem ética e moral que assustaram o Brasil repercutiram na atividade legislativa. A corrupção presente em vários órgãos públicos federais produziu efeitos danosos, inclusive com a prisão de um senador, fato inédito na história do país. Por outro lado, o Senado teve momentos de grande presença na vida pública, quando, na crise, decidi pela instalação da comissão que permitiu a votação de vários projetos importantes para o país, abreviando prazos e agilizando procedimentos.

[PE] - E o seu mandato?

Bauer - Tive forte presença em questões importantes como a investigação de vários escândalos, caso da CPI do Futebol, da qual sou vice-presidente. Também mantive vigilância e a cobrança sobre obras fundamentais para Santa Catarina e que continuam sem receber atenção do governo federal, além da aprovação por unanimidade no Senado do meu projeto que põe em prática o Conselho de Gestão Fiscal, previsto há 15 anos, mas que nunca saiu do papel.

[PE] - Que assuntos devem dominar em 2016?

Bauer - Vamos ter muito mais trabalho porque, além da atividade regular, teremos o processo de impeachment da presidente Dilma. Algo que também vai exigir nossa atenção caso o processo não se instale na Câmara. A presidente, se não for alcançada pelo impeachment, vai governar com muita fragilidade política.

[PE] - Qual a sua avaliação sobre o cenário político estadual e nacional?

Bauer - Em 2016, vamos ter que nos debruçar sobre assuntos que há muito tempo o Brasil precisa ver resolvidos, como a modernização da legislação eleitoral, a reforma tributária e, acima de tudo, a modernização da administração pública. Neste sentido, terei grande responsabilidade como presidente da Comissão Permanente de Transparência e Governança Pública, cuja incumbência é fazer com que o povo saiba mais sobre o governo e seus atos, bem como, modernizar a gestão pública com menos burocracia e mais eficiência. Vivemos uma crise política decorrente de uma crise moral e ética e associada à crise econômica. São três crises simultâneas e temos um governo que se mostra fraco, frágil, e não consegue resolver nenhuma delas. Faltam as reformas estruturantes que permitam a presença e a participação da iniciativa privada nos grandes investimentos e uma possível e necessária redução da carga tributária. Em Santa Catarina, as eleições de 2016 serão disputadas pelas forças políticas tradicionais, que poderão se aliar, principalmente nos municípios maiores. Isso vai definir o rumo que teremos para 2018. A vitória das forças que ficarem distantes do PT será, sem dúvida, preponderante.